

O CENTENÁRIO DE CAPISTRANO

ANDRADE FURTADO

Esta é, por certo, uma hora de extraordinária evidência para a vida mental da nossa Terra.

Todo o Brasil tem os olhos voltados, em tão favorável oportunidade, para a gleba onde veio à luz, há um século, João Capistrano de Abreu — o maior estudioso da Nacionalidade, garimpeiro intemerato da História da Colonização.



Não é somente o Ceará que enaltece, neste dia, a glória do homem mais erudito, entre os seus contemporâneos.

O País inteiro rende-lhe comovido tributo de exaltação e de reconhecimento, pelos serviços inestimáveis, prestados à cultura da nossa gente e aos créditos de honestidade profissional, nas aturadas lutas das Ciências e das Letras.

O austero varão foi autêntico paradigma de honra, no trato dos problemas sérios de elucidação do nosso Passado.

Não teve tempo, por assim dizer, de cuidar dos seus interesses, dedicando a existência, continuamente, ao esforço incomparável de desbravar os intrincados fastos da nossa formação política.

Descuidou de si, para se entregar às árduas e afanosas buscas dos lineamentos estruturais das nossas origens, com tenacidade caracteristicamente beneditina e um amor inexcedível a tão nobre causa.

O solitário de Columinjuba fez-se monge do culto mais dignificante para os bríos cívicos desta parcela das Américas, — o culto da verdade histórica — soube, com zêlo inaudito, desvendar os meandros em que se emaranhavam os fatos remotos da comunidade nascente.

Era, porventura, uma adoração prestada ao Altíssimo, em sua consci-

ência tão límpida, o trabalho incessante, a que se ateve, desde a adolescência, no ofício de esclarecer e desvendar todos os pontos controversos ou obscuros da nossa evolução religiosa, econômica e social.

Deus é a caridade e foi o sentimento de fazer o bem que inspirou a generosa vocação do magno sacerdote de um rito utilíssimo à excelstitude e grandeza da nossa Fé.

É certo que os cuidados do seu estafante mister apaixonaram-no, a tal ponto, que absorveram, por quase todo o seu itinerário na vida, as atividades prodigiosas do seu espírito magnânimo e luminoso.

Não lhe restou vagar, com reconhecido desleixo da sua parte, para o necessário exame das relações fundamentais entre o ser moral e o Criador.

O desprezo de investigadores dos fenômenos vários da sabedoria humana pela revelação sobrenatural da nossa crença não foi uma desatenção exclusiva do eminente escritor que homenageamos, neste instante, com a mais acendrada e ardente admiração.

Foi um mal da época, disseminado à larga pelos enciclopedistas, negadores dos postulados do Evangelho, sem os quais, não obstante, é impossível, de qualquer maneira, a estabilidade da ordem entre os indivíduos e da concórdia entre os Estados.

Aturdido permanentemente, na busca dos acontecimentos sociológicos e administrativos, na fixação dos lugares e datas correspondentes, no exame do caráter das pessoas envolvidas na espessa trama das efemérides indicadas, Capistrano de Abreu não se preocupou com as altas questões da Teologia e da Filosofia, da procedência e do fim do homem.

Tudo o que se relacionava, em substância, com o plano da Providência Divina era por êle e tantos outros companheiros da sua geração, seduzida pelas teorias do positivismo em moda, relegada para fora das suas cogitações literárias.

O preconceito racionalista foi responsável pelos desvios de inúmeros moços, que faziam alarde da liberdade de pensamento e se confessavam adeptos de doutrinas alucinantes, de há muito já ultrapassadas.

A retidão de proceder e a integridade de ânimo de alguns desses céticos constituíam flagrante contraste com as idéias desvairadas que exibiam.

Clóvis Beviláqua, por exemplo, à maneira de Capistrano de Abreu, era um agnóstico, dotado das virtudes de um justo.

O santo leigo, como foi chamado pelos amigos, representa um milagre da bondade infinita de Deus, que mede os valores, pesa as intenções e recompensa todo bem.

Aliás, segundo a insuspeita convicção de Coelho Neto, o ateu rendera-se às razões do coração, através da carinhosa interferência de Madre Maria José, a filha que abraçou a Cruz do Carmelo para dar ao pai estremecido a eterna luz por que ansiava aquela alma privilegiada, que tão sinceramente, tateando, buscava o toirão de ouro da certeza das suas investigações...

*

* *

Está muitíssimo certa a atitude do "Instituto do Ceará", da Academia Cearense de Letras e da Casa de Juvenal Galeno, promovendo a consagração do nome de Capistrado de Abreu na decorrência do seu centenário de nascimento.

Ele há de figurar, realmente, sem qualquer contestação, na galeria dos vultos máximos da Pátria!

Cabe-lhe a honra de ter aberto, com a chave da sua prodigiosa cultura, os arcanos, onde se guardavam os anais da constituição deste grande povo.

Reconheceu, com toda a imparcialidade, na catequese dos índios, o inauferevível contributo, fornecido pelos Jesuitas, para construção do monumento da nossa hegemonia espiritual.

"Debaixo do ponto de vista da Igreja — escreveu, insuspeitamente, Gilberto Freyre — repetimos que forçoso é reconhecer terem os padres agido com heroísmo, com admirável firmeza na sua ortodoxia, com lealdade aos seus ideais".

O celebrado autor de "Casa Grande e Senzala" não pôde recusar êsse mérito aos consolidadores do domínio cristão, em Terra de Santa Cruz.

Os testemunhos de Pandiá Calógeras, Eduardo Prado, Joaquim Nabuco, Afonso Celso, Carlos de Laet e tantos outros ressaltam a missão decisiva dos filhos de Santo Inácio, na formação da nossa consciência cívica.

Coube, porém, a Capistrano de Abreu definir, de maneira irrecusável, a obra de Anchieta e seus intrépidos companheiros junto aos habitantes das selvas virgens do Novo Mundo.

Não se pode, no seu magistral conceito, escrever a História do Brasil, sem antes haver escrito a história dos Jesuitas.

Aí está o preito de exaltação de uma epopéia magnífica, que Castro Alves cantou em estrofes imortais e Capistrano de Abreu insculpiu em periodos inapagáveis, da maior justiça, na perenidade das suas afirmações oraculares.

O esmêro na análise e a honestidade nos processos indagativos da exatidão dos fatos fizeram dêsse servo de glaba da Ciência, como disse José Lins do Rego, o mineiro da História Colonial, desencavando os documentos nos arquivos, como das entranhas do solo os operários extraem os veios do precioso metal.

É que a felicidade, como êle fez sentir no seu estilo original, não se consegue por atacado, mas a retalho, fiapo a fiapo...

Com que paciência abnegada se dedicou ao estudo das línguas indígenas êsse incomparável investigador da nossa literatura histórica!

Antropologista e etnógrafo — não recuou, ante os maiores sacrifícios, para obter os materiais vivos das suas frutíferas batidas nos escaninhos do Passado!

Acercando-se de índios, trazidos à sua instância, das selvas amazônicas, procedeu, com persistência insuperável, à composição do seu glossário, repetindo, nos nossos tempos, em plena Capital Federal, nas matas da Tijuca, a temeridade do

Padre Antônio Vieira, nas brenhas tropicais: "O ouvido aplicado à boca do bárbaro, sem poder perceber as vogais ou consoantes de que se formavam o roído e não palavras articulares e humanas"...

Essa dedicação sem par, êsse labor ininterrupto, teria de fazer de Capistrano de Abreu o desvendador insuperável dos segredos linguísticos dos caxinauás.

Empolgado pela imensidão geográfica do País, encantava-se por tudo o que era natureza, criada pela mão de Deus.

Percorreu vastas zonas do interior, à procura de conhecimentos diretos das coisas que desafiavam a sua peruciente curiosidade.

Viajou pelo vale do São Francisco, pelas coxilhas do Rio Grande, pelas charnecas de Mato-Grosso, pelas montanhas altaneiras de Minas, Rio e S. Paulo, pelas terras do sol em brasa dêste Nordeste, secularmente vítima das calamidades climáticas periódicas.

Foi um êmulo de Alexandre Humboldt, de Agassiz, de Saint-Hilaire, na contemplação do cenário deslumbrante e majestoso desta porção equatorial do Continente.

Sobre o assunto deixou páginas de inconfundível eloquência e de propriedade admirável, na descrição das zonas em que se divide a superfície do nosso mapa.

O que mais surpreende, nessa exuberância descrita, é a pertinácia do sábio e a resistência do investigador.

Nada de peculiar aos costumes ou da feição típica do meio escapava ao observador penetrante.

Os seus "Capítulos de História Colonial", bem como "Caminhos Antigos e Povoamentos do Brasil", revelam a corágem inquebrantável, tão própria do cearense, com que enfrentou as distâncias, as fadigas e azares, cujo objetivo era verificar alguns pontos de interrogação, levantados em seu espírito.

Só pela visão fascinante da terra e do homem, poderia, com efeito, estabelecer, de maneira assim precisa e concludente as mútuas repercussões entre a Geografia e a História no portentoso desenvolvimento do Brasil nascente.

A sua índole ativa e franca, mas sobretudo, o isolamento a que se votou, para melhor estudar, afastaram-no das rodas sociais.

Viveu para os livros e para poucos amigos. Modesto e afável, recolhido à sua tenda de intenso trabalho, não interessava a disputa das honrarias e distinções, em voga nos ruidosos centros cosmopolitas.

Era um desconhecido nos círculos mundanos do seu tempo. Frequentava com assiduidade algumas pessoas da sua predileção e cultuava, com nímio carinho, os afetos que conseguiram conquistar a sua confiança.

Escrevendo a um parente, para agradecer a notícia do casamento, que lhe participara, firmou êste apoftegma da mais bela compreensão humana: "Quem casa tem obrigação de ser feliz e de fazer feliz"...

Vemos que nobre sentido emprestava, assim, ao ato sagrado de consti-

tução da família, sobre a qual via erguer-se a responsabilidade do futuro da Pátria.

A inteligência e o coração, no seu altruístico modo de pensar, deviam estar fitos nesse objetivo, para o bem real da sociedade, cujo estelo firme é, irrevogavelmente, o doce iar, onde se formam as reservas morais de um povo.

O consórcio, como tudo na sua laboriosa vida, foi conquista dos dotes do talento.

A moça instruída, prezada e gentil, que escolheu, pelos laços indissolúveis do matrimônio, para companheira, D. Maria José de Castro Fonseca, não se deixou vencer pela sua cortesia, senão depois de se capacitar dos méritos e primores de espírito do modesto pretendente.

O noivo que a levou ao altar, perante o ministro de Deus, afim de jurar eterno amor à eleita da sua alma não ambicionava fortuna, celebridade ou poder.

Tão pouco se prendia às exigências protocolares do ambiente metropolitano.

Aquela senhora de educação finíssima, de mentalidade bem formada, soube avallar ao justo as virtudes do cavalheiro e não preferiu o exterior, o apuro no trajar, o perfeito laço na gravata e a elegância das maneiras.

O decóro e a espontaneidade dos sentimentos foram considerados muito acima do requinte das etiquetas e dos artifícios de salão.

A prole do casal encheu de alegria o modesto solar.

São os seguintes os rebentos da família: Madre Maria José, no século Honorable de Abreu, que ocupa atualmente o elevado cargo de Superiora do Carmelo de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, Adriano de Abreu, alto funcionário federal já falecido, Fernando de Abreu, bacharel em Direito, vítima, bem moço ainda, da epidemia da gripe, Henrique de Abreu, falecido em criança e D. Matilde de Abreu Nogueira, esposa do médico cearense Aprígio Nogueira, residentes no Sul e que, no momento, se encontram entre nós, participação das emoções desta festa.

Afastado do berço nativo, pela predestinação da raça, segundo o preconício de Alencar, criou os filhos na Capital da República infundindo-lhes, todavia, o amor à terra onde viu a luz e que tanto enobreceu pelo trabalho e pela cultura, na interpretação genial dos fenômenos de perto relacionados com os destinos do País

Levou do velho Seminário Episcopal de Fortaleza a base humanística com que venceu as justas travadas no campo da inteligência.

Em concurso memorável, a que assistiu o Imperador, obteve uma cátedra no Colégio Pedro II. Lá conviveu com os mais ilustres membros do magistério, sendo por eles apontado como autêntico expoente da intelectualidade patriciã.

Fez reviver, em suas aulas, diante da Juventude enlevada, o homem de antanho com o seu valor indomável, desbravando as matas, transpondo rios caudalosos, construindo cidades, no meio das feras, e estabelecendo os limites de uma grande Pátria das orlas do mar às divisas fincadas muito além do traçado de Tordesilhas, para dar ao Novo Mundo a glória de uma Civilização latina e católica!

Nas. colunas da imprensa estampou, tantas vêzes, anonimamente, estudos sólidos, identificados pelo estilo sóbrio e a incisiva consistência da argumentação.

Para que possamos documentar o que afirmamos, queremos reproduzir um trecho da sua autoria, extraído do prefácio do livro "Crítica e Literatura", de Rocha Lima.

Nesta página da sua mocidade refulgem os predicados marcantes de um escritor a quem devemos, no domínio literário, primores de observação, de simplicidade no dizer e de castiça linguagem:

"Quando da terra firme lançamos os olhos sôbre o Oceano, apenas ocupam o nosso espírito as ondas alterosas, que ameaçam inundar a extensão.

Desdenhamos as pobrezinhas que feneceram na distância, que vai do fundo à superfície, esquecidos de que, sem elas, não existiriam as que nos enlevam, em tão grandiosos sentimentos.

Assim a História: — aí, só destacamos os dominadores, aqueles que destruíram ou edificaram, deixando após si uma esteira de sangue ou uma trilha de luz.

Não nos lembramos dos ombros em que firmavam os passos, dos feitos que retemperaram seus peitos, dos cérebros que sublimaram seus cérebros, da mão desconhecida que lhes apontou o ideal, que, mais felizes, atingiram. E, muita vez, o desconhecido é quem mais cooperou para o grande acontecimento.

Na corrida da existência tomara a dianteira a todos os seus rivais; seu andar era tão apressado que raros conseguiam não o perder de vista. Mais alguns passos e rebentaria, à flor da posteridade, titânico e pujante! Porém, cá!... e a turba passa-lhe pelo cadáver, ingrata, descuidosa ignorando que, sem êle, para quem não há história e não existe amanhã, jamais chegaria tão longe, tão depressa"...

Que admirável elogio dos heróis desconhecidos!

Escrevendo sôbre Casimiro de Abreu, o magoado poeta do exílio e da saudade, traçou-lhe o perfil, com as vivas tonalidades da sua profunda percepção sentimental.

Há trechos do seu trabalho que se podem equiparar ao que melhor possuímos em prosa singela e fluente:

"O amor — disse êle — é um sentimento doce, meigo, inefável, que dá vida, alegria e felicidade. Mas, se o amor aviventa, também mata. Se dá felicidade, causa desgraça; se é fanal que torna claras as trevas do mundo, é, muitas vezes, arrecife, a cujo embate se parte a barquinha da existência".

Ja se revelava, assim, Capistrano de Abreu, nos ensaios com que estreava no jornalismo e na tribuna, uma vocação para a critica e a exegese dos fatos sociais.

Mais tarde, com o amadurecer da vida, legou-nos um tesouro de sabedoria prática, nas explanações escritas, com a perfeição da síntese e a preciosa objetividade que empresta tanto rigor e nitidez ao esclarecimento do assunto.

Vejam os títulos de exemplificação o tópico em que classifica a "idade do couro", entre as populações das margens do S. Francisco.

"De couro era a porta das cabanas, o rude leito, aplicado ao chão duro e, mais tarde, as camas para os partos; de couro tôdas as cordas, a "borracina" para carregar água, o mocó ou alforje para levar a comida, a maca para guardar a roupa, a mochila para milhar o cavalo, a peia para prendê-lo, em viagem, as bainhas de faca, as broacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os banguês para cortume ou para apurar o sal; para os açudes o material de atêrro era levado em couros puxados por juntas de bois, que calcavam a terra com o seu pêso; em couro pisava-se tabaco para o nariz".

São períodos cristalinos, traçados a primor, sôbre observações do maior interesse para a interpretação da indole sertaneja.

Vejamos como apreciou, do ponto de vista patriótico, a atuação do conde Mauricio de Nassau, no Norte do Brasil:

"Os últimos anos do seu govêrno cabem em poucas palavras. Da obra de administrador, nada sobrevive.

Seus palácios e seus jardins consumiram-se na viagem de fogo e sangue dos anos seguintes. Suas coleções artísticas enriqueceram vários estabelecimentos da Europa e estão estudando-as os americanistas. Os livros de Barlaeus, Piso, Markgran, devido a seu mecenato, atingiram uma altura, a que nenhuma obra portuguesa ou brasileira se pode comparar, nos tempos coloniais.

Parece mesmo terem sido pouco lidos no Brasil, apesar de escritos em latim, a língua universal da época, tão insignificantes vestígios encontramos neles."

Sôbre o caráter do fidalgo holandês, diz Capistrano:

"Em limpeza de mãos ficou infinitamente abaixo de Matias de Albuquerque: está provado o seu conlúo em contrabandos com Gaspar Dias Ferreira, que, como era natural, o logrou no ajuste de contas, feito em Holanda, quando o príncipe já não governava".

São ainda do historiador dos historiadores êstes conceitos frisantes:

"O regime holandês era duro, as extorsões, contínuas. Mesmo se Nassau fosse o justiceiro, em que pretendem transfigurá-lo, não tinha braço bastante longo para amparar todas as vítimas. Os invasores desarmaram a população rural, preferindo deixá-la entregue às devastações inclementes de companhistas a ter de se ocupar, algum dia, com qualquer tentativa de insurreição".

Bem vemos, nestes trechos expressivos, como superiormente tratou dos interesses nacionais em causa, a pena adamantina do ilustre comentador da influência flamenga na civilização pátria.

Passemos o olhar sôbre a página cintilante em que examina o papel dos padres da Companhia de Jesus, na formação da Nacionalidade:

"Os jesuitas — afirma Capistrano — representavam outra concepção da natureza humana.

Racional, como os outros homens, o indígena aparecia-lhes educável. Na tábua rasa das inteligências infantis, podia-se imprimir todo o bem; aos adultos e velhos seria difícil acepillar; podiam, porém, aparar-se arestas, afastando as bebedeiras, causa de tantas desordens, proibindo-lhes comerem carne humana, de

significação ritual repugnante aos ocidentais, impondo, quando possível, a monogenia, comêço de família menos lábil.

Para tanto, cumpria amparar a pobre gente das violências dos colonos, acenar-lhe com compensações reais pela cerceadura dos maus hábitos inveterados, fazer-se respeitar e obedecer, tratar da alimentação, do vestuário, da saúde, do corpo, enfim, para dar tempo a formar-se um ponto de cristalização no amorfo da alma selvágem”.

Mas não será no que deixou traçado em numerosos trabalhos esparsos que se fixará o extraordinário valor de Capistrano de Abreu.

O depoimento dos que o conheceram de perto atesta aquilo que constitui, já hoje, uma verdade solar.

Homem despido completamente de tôda vaidade, conforme asseverou João Ribeiro, não teve intuito algum de passar à posteridade.

Sabia, na lição de Nabuco, que trabalham em vão os que trabalham pensando na glória...

Compunha artigos e não assinava. Alinhava notas, nas bibliotecas, em atuadas horas de pesquisas fatigantes e, depois, se desfazia delas, entre amigos.

Não transformou o cabedal dos seus conhecimentos em objeto de mercância.

Rudolph Schuller afirmou, a seu respeito, que foi o homem mais notável com que se defrontou. ..

Ninguém houve — para Manuel Bandeira — como Capistrano, mais provido de senso histórico e erudição para escrever, depois de Southey e Varnhagen, um quadro geral da nossa evolução como povo...

Foi a mais completa envergadura de historiador que já possuímos, para reproduzirmos o que se tornou trivial — uma chapa da imprensa.

Capistrano encarnou “o homem de penumbra”, a que se referiu Agripino Grieco.

Os livros que deixou, como disse Humberto de Campos, constituam para êle simples notas de uso pessoal, de que os outros se apossavam.

Aquela penetrante agudeza de espírito a que se referiu Ronald de Carvalho, deu-lhe a primazia, entre os que estudaram, com seriedade e paciência, os problemas profundos das nossas origens e dos nossos destinos.

É por isto que José Veríssimo lamentava não tivesse Capistrano de Abreu elaborado a História do Brasil, analítica e completa, pois, no seu julgamento, sômente êle entre os estudiosos do seu tempo, fôra capaz de fazê-lo.

Jônatas Serrano confronta-o com os maiores vultos do panorama mental do Brasil e afirma que, depois de Varnhagen, nenhum se pode apresentar com o valor excepcional que teve “o mestre dos historiadores”, no conceito autorizado do Barão de Studart.

Ele foi, segundo o depoimento de Tristão de Ataíde, o criador, entre nós, do que pode chamar-se a história radicular, isto é, aquela que procura as fôlhas nas raízes e não as raízes nas fôlhas...

Pela mão de José de Alencar, reconhecido com tôda justiça o príncipe da

nostra Literatura, Capistrano de Abreu — o maior historiógrafo pátrio, penetrou os umbrais da Metrópole, nos áureos tempos do Império.

Foi augúrio feliz para a carreira providencial do moço cearense, desajeitado e esquivo, sem ambição de subir e cobiça de enriquecer.

Mal sabia o inimitável romancista dos "verdes mares bravios", que projetava para o Panteão da Nacionalidade um émulo do seu porte mental, de que hoje tanto se ufana a terra em que ambos nasceram.

Ao lado da bagagem vultosa e cintilante do criador de "Iracema", empilham-se os estudos opulentos e originais do seu pupilo de então — o autor de "Capítulos da História Colonial".

Celebrou Capistrano, em prosa tersa e escorreita, as entradas dos bandeirantes pelos sertões agrestes e a epopéia da catequese banhada no sangue de mártires e no suor de heróis.

Nas leituras dos romances indianistas, como "Minas de Prata" e "Guarani", foi encontrar o jovem discípulo do conterrâneo eminente aquilo que êle considerou — "a intuição da vida colonial" — com os elementos valiosos que não se encerram em longas monografias.

Comovidamente relembremos, na efeméride augusta do centenário de Capistrano de Abreu, o privilégio que temos de sofrer, nesta gleba açoitada por atroz infortúnio, o flagelo das sêcas, no meio da alegria de exaltar, nos grandes filhos dêste rincão bendito, epígonos da realza espiritual da Pátria.

Somos uma terra de contrastes, em que a dor e o regozijo formam a tece-dura magnífica da glorificação comum.

Bem o sentimos, nesta comemoração jubilar, que a imortalidade de Capistrano se consolidou na rija aspezeza do seu fadário — suportado como a própria sina de que compartilha a raça sofredora...

A sua vida inteira sacrificou-a ao estudo e ao trabalho.

Conheceu privações e desprezou o subórno do mundo.

Tem o direito a gozar, na outra vida, os bens infinitos reservados aos desprendidos das seduções do ouro e da fama:

Beati pauperes spiritu! — disse Nosso Senhor, no Sermão da Montanha.

É o elogio essencial que fazemos, nesta celebração memorável, ao egrégio costeadano, que a Pátria venera, enternecidamente, e diante de cuja memória se curva a gratidão nacional.

Madre Maria José, que trocou o nome de família pelo de Jesus, ainda há pouco, mais uma vez eleita Priora do Carmelo de Santa Teresa, no Rio de Janeiro. — fez o holocausto da sua vida para obter de Deus a graça da salvação do pai.

Num sorriso benévolo, disse Capistrano, no curso da sua mortal enfermidade, conforme declaração de pessoas íntimas: "Não tenho que me converter"...

Estava em paz com a consciência. Nunca fôra hostil a Cristo, esposo místico da filha estremecida.

Ao contrário, consagrou páginas inimitáveis à apologia da Fé, que cristia-

nizou os habitantes das nossas selvas e contribuiu para a sabedoria universal com os tesouros de luz do Evangelho.

Deu maior autoridade às afirmações com que exaltou o enorme serviço da Igreja na obra multissecular da Civilização Brasileira.

Que esplêndido documento, neste particular, possuímos nos versos que Coelho Neto qualificou de Cântico da Glória escritos no livro aberto do coração, por Madre Maria José, para significar a sua total confiança na Misericórdia Onipotente:

A MEU PAI

"Fôste tu, caro Pai, que do seio do Eterno
Me arrancaste e trouxeste a êste mundo, a esta vida...
Quando eu desabrochei — qual flor recém-nascida,
O sol que me aqueceu foi teu amor tão terno.

Teu sangue é o sangue meu... Teu trabalho paterno
Ganhou-me o pão com que eu cresci e fui nutrida.
Ah! Quanto te custei!... Quanta dor, quanta lida,
Desde teu quente estio até teu frio inverno!

E, agora, dá-me a mão... É noite. Vem comigo!
Vem, que eu te levarei a Jesus, teu amigo,
Que te espera saudoso... Oh! dize-me que sim!

Fôste meu pai e eu tua mãe serei agora...
Dar-te-ei a Eterna Luz, de que me deste a aurora,
Dar-te-ei — por esta vida — a vida que é sem fim".

Tem absoluta razão Coelho Neto! Recusa-se também a nossa sensibilidade moral a acreditar que a benção de Deus não tenha descido, no momento extremo, para atender à prece filial, tão ansiosa e confiantemente erguida ao Céu, a fim de obter a redenção do espírito paterno.

A Capistrano de Abreu, que terá encontrado na mansão beatífica a felicidade que não buscou nas coisas transitórias da vida terrena, com a veneração da "Casa de Juvenal Galeno", a homenagem do "Instituto do Ceará, e da "Academia Cearense de Letras", sociedades a cujas fileiras consentiu em se agregar, na terra do seu berço, que tão honrosamente enobreceu pelo esplendor do seu pensamento e pela integridade da sua cultura.